

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*A Voz da Igreja*—*Carta de Sua Santidade o Papa Leão XIII ao Cardeal Marianno Rampolla, seu Secretario.*—Secção Religiosa: *Origens da arte christã*—*As Catacumbas de Roma*, por J. C. do Faria e Castro.—Secção Scientifica: *Racionalidade da Religião e do Culto*, II, por D. N.—Secção Historica: *Documentos para a Historia da Igreja em Portugal*—*Antonio Pereira de Figueiredo*, por Mosenhor Alfredo Elviro dos Santos.—Secção Critica: *As Ordens religiosas em Portugal*—I, *As Irmãs de Santa Theresza*, por um amigo das Ordens Religiosas; *Um novo Abade*, por S. M.; *Amor do Trabalho*, por A. L.—Secção Litteraria: *A decadencia*, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Illustrada: I, *Em.ºo Sur. Frei Ceferino Gonzales, Cardeal-Arcebispo de Toledo*; II, *Interior da Basílica de Loreto*, por R.—Secção Neologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE SETEMBRO DE 1887

A VOZ DA EGREJA

Carta de Sua Santidade o Papa Leão XIII
ao Cardeal Marianno Rampolla,
seu secretario

(Continuado do n.º anterior)

... Mais d'uma vez temos exprimido o desejo de vêr terminar este sentimento; e ainda recentemente, na allocução consistorial de 23 do maio passado, Nós manifestamos a Nossa intenção de estender de uma maneira especial á Italia, tão cara e estreitamente unida a Nós por tantos títulos, como ás outras, a obra da pacificação. Entretanto na Italia, para chegar a este accordo, não basta, como nas outras nações, prover a qualquer interesse religioso em particular, modificar ou abrogar leis hostis, impedir disposições contrarias de que Nós estamos ameaçado; mas é mister além d'isso e principalmente regular, como convem, a condição do Chefe Supremo da

Egreja, condição que se tornou indigna d'Elle, ha muitos annos, pelas violencias e injurias, e incompativel com a liberdade do ministerio Apostolico. Para este fim, tivemos o cuidado de pôr como base d'esta pacificação, na referida Allocução, a justiça e a dignidade da Sé Apostolica, e de reclamar para Nós um estado de coisas graças ao qual o Pontifice Romano não deve estar submettido a ninguem, e possa gosar d'uma completa e não illusoria liberdade. Não havia rasões para comprehender mal as

Nossas palavras e muito menos para as desnaturar, amoldando-as a um sentido absolutamente contrario ao Nosso pensamento. D'ellas via-se claramente o sentido que lhe quizemos dar, a saber: que a condição indispensavel da pacificação em Italia era a restituição d'uma verdadeira soberania ao Pontifice Romano, porque, no estado actual das coisas, é manifesto que Nós estamos mais em Nossó poder no poder d'outros, da vontade dos quaes depende modifi-

car, quando e como lhes apraza, seguindo as mudanças dos homens e das circunstancias, as condições mesmas da Nossa existencia. *Virius in aliena potestate sumus, quam Nostra*, como Nós o temos repetido por mais d'uma vez. E' por isso que Nós sempre temos, no decurso do Nosso Pontificado, conformemente ao Nosso dever, reivindicado uma soberania effectiva para o Pontifice Romano, não por ambição, nem com o fim de uma grandeza terrestre, mas como uma garantia verdadeira e efficaz da sua independencia e da sua liberdade.



FR. CEFERINO GONZALEZ Y DIAZ, CARDEAL-ARCEBISPO DE TOLEDO

Effectivamente, a auctoridade do Pontificado supremo, instituida por Jesus Christo e conferida a S. Pedro e por elle a seus successores legitimos, os Pontifices Romanos, destinados a continuar no mundo, até á consummação dos seculos, a missão reparadora do Filho de Deus, enriquecida das mais nobres prerogativas, dotada dos poderes mais sublimes, proprios e juridicos, taes como os exige o governo d'uma verdadeira e perfeita sociedade, não pôde, por sua natureza mesma e pela vontade expressa de seu divino Fundador, estar submettida a nenhuma potencia terrestre, mas deve gosar da mais inteira liberdade no exercicio de suas altas funcções. E como é d'este poder supremo e do seu livre exercicio que depende o bem de toda a Igreja, era da mais alta importancia que a sua independencia e a sua liberdade nativas fossem asseguradas, garantidas, defendidas atravez dos seculos na pessoa d'aquelle que estiver investido d'ella com os meios que a Providencia divina houvesse reconhecido aptos e efficazes para o fim. Assim, quando a Igreja saiu victoriosa das longas e duras perseguições dos primeiros seculos, que foram como o sello manifesto da sua divindade; quando o que se pôde chamar a era d'infancia foi passada, e que para ella chegou o tempo de se mostrar no pleno desenvolvimento da sua vida, uma situação particular que, pouco a pouco, pelo concurso de circumstancias providenciaes, terminou com o estabelecimento do seu Principado civil, começou para os Pontifices de Roma. Este tem-se conservado, sob uma fórma e com uma extensão diversa, atravez das vicissitudes infinitas d'um longo curso de seculos até aos nossos dias, prestando á Italia e a toda a Europa, mesmo na ordem politica e civil, os mais assignalados serviços. Os barbaros repellidos ou civilizados; o despotismo combatido e subjugado; as letras, as artes, as sciencias favorecidas, as liberdades das communes, as empresas contra os musulmanos quando elles eram os mais encarniçados inimigos, não sómente da religião, mas da civilização christã e da tranquillidade da Igreja: são glorias dos Papas e do seu Principado.

Uma instituição nascida por vias tão legitimas e espontaneas, que tem por si uma posse pacifica e incontestada de doze seculos, que ha contribuido poderosamente para a propagação da fé e da civilização, que tem conquistado tantos titulos ao reconhecimento dos povos, tem mais que outra qualquer o direito de ser respeitada e mantida: não é porque uma serie de violencias e de injustiças chegou a opprimil-a que os designios da Providencia sobre ella se devem olhar como mudados. Se se consi-

dera mesmo que a guerra feita ao Principado civil dos Papas foi sempre obra dos inimigos da Igreja e da religião, e, n'este ultimo periodo, obra principal das seitas que, abatendo o poder temporal, quizeram preparar o caminho para tomar d'assalto e combater o proprio poder espiritual dos Pontifices, isto mesmo confirma claramente que hoje ainda, nos designios da Providencia, a soberania civil dos Papas é ordenada como meio para o exercicio regular do seu poder apostolico, como sendo aquelle que salvaguarda efficazmente a sua liberdade e independencia.

O que se diz em geral do Principado civil dos Papas, applica-se com mais forte razão e d'um modo especial a Roma. Os seus destinos lêem-se claramente em toda a sua historia, a saber: que, como nos conselhos da Providencia todos os acontecimentos humanos foram ordenados por Christo e sua Igreja, assim a Roma antiga e o seu imperio foram estabelecidos para a Roma christã; e que não foi sem uma disposição especial que o Principe dos Apostolos, S. Pedro, dirigiu os seus passos para esta metropole do mundo pagão, para se tornar o Pastor d'ella e transmittir-lhe perpetuamente a auctoridade do Apostolado supremo. Foi d'este modo que a sorte de Roma se ligou, d'um modo sagrado e indissolúvel, á do Vigario de Jesus Christo: e quando, na aurora de melhores tempos, Constantino o Grande resolveu transferir para o Oriente a séde do imperio romano, pôde admittir-se com um fundamento de verdade que a mão da Providencia o guiou, a fim de que os novos destinos sobre a Roma dos Papas melhor se realisassem. E' certo que depois d'esta epocha, graças aos tempos e ás circumstancias, espontaneamente, sem offensa e sem opposição de ninguem, pelas vias mais legitimas, os Pontifices se tornaram senhores d'ella, mesmo politicamente, e, como taes, a conservaram até nossos dias. Não é necessario lembrar aqui os immensos beneficios e as glorias que os Pontifices procuraram á sua cidade de predilecção. glorias e beneficios que estão escriptos, de resto, em letras impagaveis, nos monumentos e na historia de todos os seculos. E' superfluo tambem indicar que esta Roma traz o cunho pontifical profundamente gravado em todas as suas partes; e que ella pertence aos Pontifices por titulos taes e tão numerosos, que nenhum Principe teve jámais eguaes sobre qualquer cidade do seu reino. Todavia, convém muitissimo observar que a razão da independencia e da liberdade pontificia no exercicio do ministerio Apostolico reveste uma maior e mais especial força, quando se applica a Roma, séde natural dos Soberanos Pontifices, centro da vida da Igreja, capital

do mundo catholico. Aqui, onde o Pontifice permanece habitualmente, onde dirige, administra e ordena, assim de que os fieis de todo o universo possam, com toda a confiança e segurança, prestar-lhe a homenagem, a fidelidade e a obediencia que em consciencia lhe devem; aqui, de preferencia, é necessario que Elle seja collocado n'uma tal condição d'independencia, na qual não sómente a sua liberdade não seja em nada dificultada por quem quer que seja, mas que seja evidente para todos que ella o não é; e isto não por uma condição transitoria e mudavel com qualquer acontecimento, mas estavel e duradouro por sua natureza. Aqui, mais do que em outra qualquer parte, o desenvolvimento da vida catholica, a solemnidade do culto, o respeito e a observação publica das leis da Igreja, a existencia tranquilla e legal de todas as instituições catholicas, devem ser possiveis e sem receio de dificuldades.

De tudo isto é facil comprehender como se impõe aos Pontifices romanos e quanto é sagrado para elles o dever de defender e de manter a soberania civil e a sua legitimidade; dever que se tornou ainda mais sagrado pela religião do juramento. E seria loucura pretender que elles proprios consentissem em sacrificar com a soberania civil o que elles teem de mais caro e de mais precioso; queremos fallar da sua mesma liberdade no governo da Igreja, pela qual os seus Predecessores teem, em todas as occasiões, combatido gloriosamente.

Nós, por certo, com a ajuda de Deus, não fraquejaremos no Nosso dever, e sem o regresso a uma soberania verdadeira e effectiva, tal como a exigem a Nossa independencia e a dignidade da Sé Apostolica, Nós não vemos accesso algum para accordo e para a paz. Toda a catholicidade, muito zelosa da liberdade do seu chefe, não se tranquillizará nunca emquanto não seja feita justiça ás suas mais justas reivindicacões.

Nós sabemos que homens politicos, impellidos pela evidencia das coisas a reconhecer que a condição presente não é tal como convém ao Pontificado Romano, meditam outros projectos e expedientes para a melhorar. Mas estas tentativas são vãs e inuteis; e igualmente o serão todas aquellas de semelhante natureza, que sob especiosas apparencias, deixam de facto o Pontifice n'um estado de verdadeira e real dependencia. O vicio está entranhado na mesma natureza das coisas, taes como ellas estão presentemente estabelecidas, e nenhum temperamento ou consideração exterior, de que se servissem, pôde nunca ser bastante para afastal-o. E' necessario, pelo contrario, prevér casos em que a condição do Pontifice se torne

mesmo peor, quer pela preponderancia d'elementos subversivos e d'homens que não dissimulam os seus designios contra a pessoa e a auctoridade do Vigario de Christo, quer por guerras e complicações multiplas que poderiam nascer em seu detrimento. Até aqui o unico meio de que a Providencia se tem servido para defender, como convinha, a liberdade dos Papas, foi a sua soberania temporal; e quando este meio tem faltado, os Pontifices sempre hão sido ou perseguidos, ou prisioneiros, ou exilados, ou com certeza submettidos ao poder d'um outro; e, por consequencia, na condição de se verem repellidos ao dar-se algum acontecimento sobre uma ou outra d'estas vias. E' a historia de toda a Igreja que o attesta.

Espera-se todavia no tempo e entregam-se nas mãos d'elle, como se, prolongando a condição presente, podessem tornal-a acceptavel. Mas a causa da sua liberdade é para os Pontifices e para toda a catholicidade d'um interesse primordial e vital; e, por consequencia, pôde estar-se certo de que elles a quererão sempre garantida e do modo mais seguro. Aquelles que a comprehendem differentemente, não conhecem ou fingem não conhecer a natureza e a força do seu poder religioso, moral e social, que nem as injurias do tempo, nem a prepotencia dos homens conseguirão já mais abater. Se elles se convencessem d'isto, e se tivessem verdadeiramente senso politico, não pensariam sómente no presente, nem confiariam em enganosas esperanças para o futuro, mas dando ao Pontifice Romano o que Elle reclama com muita justiça, poriam termo a uma situação cheia d'incertezas e de perigos, assegurando d'esta maneira os interesses e os destinos da Italia.

E' d'esperar que a Nossa palavra não seja comprehendida por esses homens que teem crescido no odio contra a Igreja e o Pontificado: a fallar verdade, assim como elles detestam a religião, tambem não querem o verdadeiro bem da sua terra natal. Mas aquelles que, não imbuidos de velhos prejuizos, nem animados d'um espirito irreligioso, apreciam justamente os ensinamentos da historia e as tradições italianas, e não separam o amor da Igreja do amor da patria, veem com Nosso que, na união com o Papado, está precisamente para a Italia o principio mais fecundo da sua prosperidade e da sua grandeza.

O estado actual de coisas é a confirmação d'isso. Já é fóra de duvida, e os mesmos homens politicos italianos o confessam, que o dissentimento com a Santa Sé não é util, mas préjudicial á Italia, creando-lhe nem poucas nem ligeiras difficuldades interiores e exteriores. No interior, o desgosto dos catholicos, vendo que as reivindicações do Vi-

gario de Jesus Christo não são tomadas em nenhuma consideração e são despresadas—a perturbação das consciencias—o augmento da irreligião e da immoralidade, elementos grandemente prejudiciaes ao bem publico. No exterior, o descontentamento dos catholicos, vendo os interesses mais vitaes da christandade compromettidos com a liberdade do Pontifice:—difficuldades e perigos que, mesmo na ordem politica, podem dimanar para a Italia, e de que Nós desejamos de toda a Nossa alma que a Nossa patria seja preservada. Faça-se, pois, cessar o conflicto por aquelle que o pôde e deve fazer, restituindo ao Papa a posição que lhe convém, e todas essas difficuldades cessarão de repente. Mais ainda: a Italia beneficiar-se-ia grandemente em tudo o que constitue a verdadeira gloria e a felicidade d'um povo, ou que merece o nome de civilização; porque, assim como ella recebeu em partilha da Providencia ser a nação mais visinha do Papado, tambem está destinada a receber d'elle mais abundantemente, se ella o não combater e se não oppozer a elle, as suas beneficas influencias.

Objecta-se que, para restabelecer a soberania pontifical, seria necessario renunciar a grandes vantagens já obtidas, não ter em conta alguma os progressos modernos, recuar até à idade-media. Mas estes motivos não são plausiveis.

A que bem verdadeiro e real se opporia, com effeito, a soberania pontifical? E' indubitavel que as cidades e as regiões já submettidas ao Principado civil dos Pontifices foram, por isso, preservadas mais d'uma vez da escravidão á dominação estrangeira, e guardaram sempre o caracter e os costumes puramente italianos.

Hoje ainda não poderia ser d'outro modo; pois se, pela sua alta missão, universal e perpetua, o Pontificado pertence a todas as nações, elle é uma gloria especialmente italiana, por causa da Sede que a Providencia lhe assignalou. Mas se a unidade do Estado viesse assim a faltar, sem entrar nas considerações que dizem respeito ao merito intrinseco da questão, e collocando-Nos unicamente um instante no proprio terreno dos adversarios, perguntamos se esta condição d'unidade constitue para as nações um bem tão absoluto que sem elle não haja para ellas nem prosperidade, nem grandeza; ou tão superior que deva prevalecer a todo o outro.

O facto de nações florescentissimas, poderosas e gloriosas, que não tiveram e não teem esta forma da unidade que se deseja, responde por Nós; e esta resposta encontra-se tambem na razão natural que, em caso de conflicto, reco-

nhece que o bem da justiça, primeiro fundamento da felicidade e da estabilidade dos Estados, deve prevalecer; e isto especialmente quando está ligado, como n'este caso, ao interesse superior da religião e de toda a Igreja.

Ante este não ha que hesitar; que se da parte da Providencia foi um effeito de predilecção especial para com a Italia o haver collocado em seu seio a grande instituição do Pontificado, com o que qualquer nação se sentiria altamente honrada, é justo e necessario que os italianos não olhem a difficuldade para o pôr em uma condição que lhe convém.

Tanto mais que, sem excluir de facto outros melhoramentos uteis e opportunos, sem fallar d'outros bens preciosos, a Italia vivendo em paz com o Pontificado, veria a unidade religiosa, fundamento de toda a outra e fonte d'immensas vantagens mesmo sociaes fortemente cimentada.

Os inimigos da soberania pontifical appellam tambem para a civilização e para o progresso. Mas para bem se entender desde o principio, só aquelle que conduz ao aperfeiçoamento intellectual e moral ou pelo menos que se lhe não oppõe, pôde constituir para o homem o verdadeiro progresso: e não ha fonte mais fecunda d'este genero de civilização que a Igreja, que tem a missão de conduzir sempre o homem á verdade e á rectidão da vida.

Fóra d'esta esphera, todo o genero de progresso não é em verdade senão retrocesso, e não poderia senão degradar o homem e fazel-o recuar para a barbaria; e nem a Igreja, nem os Pontifices, quer como Papas, quer como Principes civis, poderiam, para a felicidade da humanidade, tornarem-se nunca seus fautores. Mas tudo o que as sciencias, as artes e a industria humana hão encontrado de novo para a utilidade da vida; tudo o que favorece o commercio honesto e a propriedade das fortunas publicas e particulares; tudo o que não é licença, mas liberdade verdadeira e digna do homem, tudo isto é abençoado pela Igreja e pôde ter uma parte larguissima no Principado civil dos Papas. E os Papas, quando estiverem novamente de posse d'elle, não deixarão de o enriquecer com todos os aperfeiçoamentos de que elle é capaz, attendendo ás exigencias dos tempos e ás novas necessidades da sociedade. A mesma sollicitude paternal, de que sempre estiveram animados para com os seus subditos, os aconselharia ainda no presente a tornar suaves os encargos publicos; a favorecer com a mais larga generosidade as obras de caridade e as instituições de beneficencia; a tomar um cuidado especial pelas classes necessitadas e operarias melhorando-lhes a sor-

te; a fazer, n'uma palavra, do seu Principado civil, tambem no presente, uma das instituições mais aptas para fazer a prosperidade dos subditos.

Seria inutil produzir contra elle a accusação de haver nascido da idade-media.—Pois teria as formas e os melhoramentos uteis exigidos pelos tempos modernos: e se, na essencia, elle era o que fôra no tempo da idade-media, isto é, uma soberania disposta para salvaguardar a liberdade e a independencia dos Pontifices Romanos no exercicio da sua auctoridade suprema, que havia a dizer? O fim importantissimo para que serve, as multiplas vantagens que d'elle derivam para a tranquillidade do mundo catholico e dos Estados; a maneira suave por que se exerce; o poderoso impulso que sempre deu a todos os generos de sciencias e de cultura civil, são elementos que conhecem admiravelmente a todos os tempos, quer sejam civilizados e tranquilos, ou sejam barbaros e perturbados.

Seria loucura querer supprimir o só por que elle floresceu nos seculos da idade-media. De resto, se estes tivessem, como todas as epochas, vicios e costumes reprehensiveis, tiveram todavia vantagens tão particulares que seria uma verdadeira injustiça negal-as. E a Italia, que precisamente no decurso d'esses seculos attingiu, nas sciencias, nas letras, nas artes, nas empresas militares e navaes, no commercio, nas organizações municipaes, tanta grandeza e celebridade que jámais poderão ser destruidas nem obscurecidas, deveria mais que qualquer outra, sabel-as apreciar.

Nós queriamos, Senhor Cardeal, que estas ideias, dimanando de considerações tão elevadas e que tem em conta todos os interesses legitimos, penetrassem sempre mais em todos os espiritos; e que não sómente todos os verdadeiros catholicos, mas tambem os que amam a Italia com um amor sincero, entrassem abertamente nas Nossas vistas e as secundassem. Em todo o caso, favorecendo a reconciliação com o Pontificado, e indicando quaes são para isso as condições fundamentaes, sentimos que havemos satisfeito um dos Nossos deveres perante Deus e os homens, sejam quaes forem os acontecimentos que sigam.

Quanto a vós, estamos certo de que quereis sempre empregar toda a vossa actividade intelligente na execução dos designios que n'esta carta vos havemos manifestado. E a fim de que a vossa obra se volva em grande vantagem da Igreja e honra da Santa Sé, Nós imploramos sobre vós em abundancia as luzes e o soccorro do ceu. Como penhor d'estas, e em testemunho de affecto es-

pecialissimo, Nós vos damos do coração a bênção Apostolica.

Do Vaticano, a 15 de junho de 1887.

Leão XIII, Papa.

SECÇÃO RELIGIOSA

Origens da arte christã

As Catacumbas de Roma

Por uma sequencia de circumstancias particularissimas, é nas cryptas antigas, nas Catacumbas de Roma onde os santos martyres voluntariamente se recolhiam, que sempre ir buscar os primeiros vestigios da cultura das bellas artes na sociedade christã.

É o proprio asilo da morte que offereceu aos discipulos de Christo o theatro em que seu gosto pode manifestar-se em obras de architectura, pintura e estatuaria. Por quanto estas obras não podiam produzir-se à luz do dia na capital do paganismo, n'uma cidade inundada de templos dedicados a todos os deuses, ao lado de um Pantheon aberto a mais de quatro mil divindades diversas. E porventura fôsse mesmo por horror a uma semelhança com os pagãos, abster-se-hiam os christãos de erigir no meio de Roma os edificios consagrados ao seu culto.

Além d'isso as suas reuniões fraternas não careciam de nenhuma solemnidade; ellas podiam fazer-se pelos domicilios particulares havendo-se em vista o preceito do Mestre: «Porque onde se acham dois ou tres congregados em meu nome, ali estou eu no meio d'elles.»

Ha mais: o culto dos mortos era a consequencia logica do dogma da immortalidade da alma.

Os Christãos não podiam aceitar o uso do abrasamento dos corpos, usado e reprovado pelos Judeus e difficil a conceituar com a imaginação popular, bem como com a crença da resurreição dos corpos: *In Christianis*—diz S. Jeronymo Epist. XXIX) *mors non est mors, sed dormitio et somnus appellatur*—isto é, «para os Christãos, a morte não é uma morte, mas uma dormição que se chama somno.»

Cumpria, pois, buscar um campo de descanso para esses carissimos mortos, um asilo onde a piedade dos sobreviventes pudesse vir trazer-lhes com as lagrimas as rezas; ora, este sanctuario, este cemiterio do derradeiro somno, Roma offerecia-o aos Christãos nas suas Catacumbas.

As Catacumbas, segundo a etymologia da palavra, eram cavoucos, ou excavações subterraneas. Por outras palavras: eram galerias esquadrihadas por baixo do solo de Roma e da campina romana, e que formavam, por baixo da Roma alumida pelo sol, uma immensa Roma subterranea, vasto labyrintho que, no dizer tradicional dos pastores do paiz, se estendia até o mar.

As grutas das Catacumbas dam-se por vezes, em dois, tres, ou mesmo em cinco andares, sobrepostas até a profundidade de 30 a 35 metros.

A origem primitiva das Catacumbas deve ter relação com as obras feitas para a extracção da areia volcanica chamada *pozzolana*, de que os Romanos faziam um cimento para a construção de todos os seus edificios. Assim de achar-se este precioso tufo volcanico, as excavações haviam descido profundamente, e para aqui ir era preciso descer atravessando muitas camadas de terra ligeira.

Para que as Catacumbas fossem habitaveis, vinha-lhes o ar do exterior pelos antigos fôssos de extracção collocados a 300 passos, ao menos, uns dos outros, e abertos para o lado das campinas. A escuridão das Catacumbas era um pouco dissipada pela luz das alampadas, umas suspensas pelas abóbadas, outras fixas sobre cachorros de pedra ou em nichos que trazem ainda hoje o traço do fumo.

Enfim a superintendencia d'este asilo sagrado era confiada a uma classe de homens piedosos aos quaes a Igreja dava um logar na sua gerarchia sagrada, e que a denominava «os trabalhadores.» Jámais esta denominação foi tão bem empregada como n'estes coevos que, animados pela fé, se votavam sem esperanza de salario a tão rudes fadigas e a esta vida subterranea que a sociedade pagã infligia aos maiores criminosos.

O respeito religioso por estes coevos é-nos attestado por uma contristada pintura que se vê no cemiterio de S. Calisto, na qual está retratado o coevo Diogenes com uma alampada acceita adiante de si e com um alvião sobre o hombro direito.

O aspecto d'estas immensas galerias subterraneas pasma e prende todas as imaginações; esta noite faz pensar na morte; este silencio falla da vaidade do mundo que se agita por cima d'essas abóbadas á cata do prazer. A este espectáculo estranho, a alma sente-se penetrada de emoção como não pôde produzir nenhuma das obras da architectura antiga.

Um Padre latino do 4.º seculo, S. Jeronymo, deixou das Catacumbas uma

pittoresca descripção que nada perdeu do interesse que offerece:

«Quando, mui novo ainda, eu me achava em Roma nos estudos litterarios, eu tinha por costume todos os domingos visitar, com os meus novos condiscipulos, os tumulos dos apóstolos e dos martyres. Eu gostava de percorrer essas cryptas cavadas nas profundidades da terra, essas galerias cujos muros contêm corpos sepultados e onde reina tal escuridão, que se me dava dizer com o propheta: «Vivo, eu descendo entre os mortos.»

Raras vezes vinha a luz temperar o terror d'essas trevas, e quando se avançava ás apalpadellas n'esta escura noite, vinha á idéa o que disse Virgilio d'esses silencios que assombram a imaginação:

«*Horror ubique animos, simul ipsa silentia terrent.*»

* * *

As Catacumbas foram, desde o principio e antes de tudo, logares para sepultura; eis porque a maior parte dos muros eram cortados de camaras ou de nichos horisontaes, destinados a receber os mortos que os christãos n'elles depositaram até ao 5.º seculo.

As galerias formavam, pois, como que os cemiterios communs; os cubiculos funerarios eram destinados para os membros de uma só familia. As salas mais espaçosas e que continham os tectos muito mais altos, serviam para a celebração dos santos mysterios; é o que se chama as capellas, as egrejas ou as basilicas, cujo desenho e accommodações serviam de modelos ás egrejas christãs. N'esta parte das cryptas, os muros e as abóbadas eram estucados e ornados com pinturas das mais interessantes.

No correr dos tempos, para obedecer ao preceito: «*Amae-vos uns aos outros,*» os christãos formando como uma só familia, reuniam-se voluntariamente em roda de seus mortos muito queridos. Era ali que, sob a direcção dos Apóstolos, se celebrava, n'um piedoso recolhimento, a communhão da oração e do pão consagrado, que renovava o beneficio voluntario de Jesus.

As tradições, attestadas pelas proprias inscripções, estabelecem que os cemiterios subterraneos são tão antigos como o christianismo, e que S. Pedro dava já o baptismo n'uma crypta. Efectivamente, durante muito tempo, os christãos manifestaram seu culto pelos mortos e os santos, requerendo para serem enterrados o mais proximo possível dos despojos sagrados, para participarem ao beneficio das rogativas offerecidas aos santos e aos martyres.

Até o principio do seculo 3.º, as Catacumbas, que eram destinadas conjun-

tamente para a sepultura dos mortos e para as assembleias, foram accessiveis ao publico; ellas abriam-se para o lado das grandes estradas e em nada eram dissimuladas ou vedadas aos estranhos.

E só accidentalmente o eram, e quando grassava a perseguição, que os cemiterios se tornavam escondrijos para aquellos christãos cuja importancia era tal que os expunha a certas perseguições pessoaes; assim alguns papas do seculo 3.º ahi acharam asilo.

Eis aqui como as Catacumbas de Roma são, em verdade, o berço da Igreja perseguida; os sagrados despojos que ellas contêm são testemunhos irrefragaveis da fé e do heroismo dos primeiros christãos.

Após um esquecimento de quasi dez seculos, este berço subterraneo do christianismo foi posto á luz do dia em 31 de maio de 1578.

Avalia-se o desenvolvimento das Catacumbas em 1:200 kilometros, bordados de mais de 6 milhões de tumulos. Todavia existe um grande numero d'ellas que se não chegou a conhecer em rasão d'obstruidas as entradas.

* * *

As praticas e os usos d'esta vida subterranea dos primeiros christãos deixaram, na historia do espirito humano e nas ceremonias da Igreja, alguns traços dignos de memoria.

A obscuridade das Catacumbas, mal dissipada por algumas alampadas, é lembrada pelo uso universal de evitar a claridade demasiado brilhante nas egrejas e o ter os cirios ardendo sobre o altar durante o sacrificio: a noite evoca e sustenta o recolhimento necessario para a prece; ella é um symbolo da humildade; ella lembra que foi de noite que se consummou, na Cêa, o primeiro sacrificio christão.

As capellas das Catacumbas serviram de modelos ás primeiras egrejas; assim todas as obras da arte christã tomam o ser n'essas cryptas sagradas, e são os desabrochamentos naturaes da fé. A disposição em cruz, que se tornou ritual e obrigatoria, parece ter sido preparada para a construcção das egrejas primitivas que desenhavam um rectangulo rematado por tres apsidés destinados a receber os altares que encerravam as reliquias dos martyres.

A piedade dos fleis havia esgotado todos os meios de que o homem dispõe para testemunhar sua veneração respeitosa na ornamentação dos tumulos: inscripções, mosaicos, pinturas e baixos relevos, taes são as obras da arte primitiva que dão ás Catacumbas um serio interesse para o archeologo e para o historiador.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Racionalidade da Religião e do Culto

II

SCRIPTA na multidão das maravilhas do universo, no consenso do genero humano e na propria consciencia e rasão, que se impõem irresistivelmente, a palavra Deus; o homem no estado normal de suas faculdades e theoreticamente, podemos avançar-o, não pôde negar a existencia do Ente Supremo. Eis o motivo por que elles não se atrevem a clamar abertamente — não ha Deus.

Admittida, pois, como incontestavel esta verdade, fundamento de toda a verdade; reconhecida a suprema soberania sobre tudo que existe, desde o grãosinho de areia até ao penhascoso rochedo, desde a simples alga ou rude musgo até ao gigantesco cedro, desde o humilde protozoario até ao temivel elephante; acceita, por consequencia, a *dependencia absoluta* em que tudo está, da Divindade, o nada que nós somos em relação a ella, mas o muito que reconhecemos ser, comparando-nos com todos os outros seres sobre a terra creados; admirada a infinita sabedoria, que presidiu a toda a criação, não havendo ser, que não tenha seu fim e, ao mesmo tempo, provisão de meios em harmonia com elle; e a eminente bondade com que fomos tratados, feitos reis da criação, aspirantes a um fim sobrenatural e providos de faculdades relativamente perfeitas e distinctas, que nos dam a percepção do que é verdadeiro, bom, grandioso e sancto; o espirito humano naturalmente se acha cheio de reconhecimento profundo e gratidão pura e acrysolada, para com ser tam sublime. E, como a forma mais alevantada da homenagem é a *adoração*, o homem é impellido pela mesma natureza a prestal-a; o providente instincto a isso o leva.

O bem, verdade, ordem, harmonia e perfeição relativas, que vemos verificarem-se entre os homens, causam em nós agrado, despertam aprazivel attracção para ellas, e elevam-nos á consideração dos respectivos ideaes no summo grão, no absoluto, que deprehendemos dever absorver-nos; mas a synthese de todos estes ideaes está em Deus; logo por Deus devemos sentir a attracção predominante do nosso espirito, o perfeito amor. E, se attendermos a que tudo o que se refere a Deus, deve estar em proporção com sua grandeza *tantum quantum* attenta a exiguidade das forças humanas, concluiremos ainda que esse amor tem de ser unico,

intenso, concentrado. Dil-o a mesma razão.

Agora perguntaremos ao theista se é possível achar-se profundamente conhecedor do seu nada em relação a Deus, ter por elle o mais alto reconhecimento, adoral-o com a mais radicada submissão, amal-o vehementemente, como o exige a razão, encontrar-se, em summa, compenetrado e movido dos mais ternos e arraigados affectos para com elle; perguntaremos, digo, se é possível estar de tal sorte commovida a alma sem que o dê a manifestar o corpo, sem que expanda esses sentimentos profundos pelos meios que Deus lhe deu, e que por isso, devem também contribuir para seu louvor?

Será capaz de responder—que pôde, mas eu redarguirei—que mente, visto que é uma lei natural que o corpo exteriorise as affecções da alma.

Logo, se o theista reconhece a legitimidade dos affectos da alma para com Deus, ou, o que vale o mesmo, a legitimidade do culto interno, por igual razão tem de admitir o culto externo, que não é mais do que a expansão natural e necessaria d'aquelle; logo, aceitar culto interno sem admitir culto externo, é absurdo da mesma força que suppor homem viador sem corpo; logo, contradicto está o *rational* theista em suas illusorias theorias.

Dada como assente a legitimidade do culto interno e externo no homem individual, passemos a considerá-la no homem social.

Se remontarmos de geração em geração até ao berço do genero humano, iremos encontrar o homem nas cavernas e habitações lacustres, mas nunca isolado: os despojos organicos descobertos nos attestam ajuntamento.

A natureza mesma do homem, o dom da falla, o fim dos seus órgãos, tudo induz que elle foi destinado pelo creador para viver em sociedade.

O interesse commum da defeza propria contra as feras naturalmente para isso também guiou o homem; a consciencia nos diz que o nosso semelhante é para nós objecto de viva sympathia: a solidão repugna-nos; e a razão, alcançando as innumeradas vantagens e, por assim dizer, prodigiosa força que resulta dos esforços combinados, dicta-nos que não ha meio de conseguir mais facilmente um fim commum do que a sociabilidade.

Assim, temos o homem tendendo para o homem por força da natureza, instincto, reflexão, consciencia e razão; por consequencia, a sociedade fundada nos mesmos titulos.

Assentado, pois, que a sociedade é o meio mais proficuo para se conseguir um fim commum, de necessidade é,

que o homem se constitua n'ella, para realizar o *desideratum* que mais lhe importa—a salvação eterna; logo é legitima a sociedade religiosa; e, como esta não se comprehende sem culto externo social, seu indispensavel meio, teremos de admittil-o.

O culto externo social, porém, não pôde exercer-se senão em lugar, onde todos se possam reunir e junctar seus votos; d'onde, com justa razão, existem os templos. O culto não se concebe sem sacrificio, como o sacrificio sem sacrificador ou ministro que em nome de todos o offereça ao Allissimo, por consequencia, legitimo e imprescindivel é, que haja sacerdotes.

Em resumo, pois, poderemos dizer:—Existe Deus (o proprio impio de que se tracta não o nega); d'elle dependemos absolutamente; a elle é devido reconhecimento, gratidão, amor, adoração; todos estes sentimentos nos movem profundamente o espirito, que reconhece ser dotado de faculdades superiores que lhe dictam que deve corresponder a Deus, na medida de suas forças. Por outra parte, de tal modo é feito o corpo que exteriorisa como que fatalmente as emoções do espirito, logo o corpo manifesta a religiosidade pelos meios de que dispõe—culto externo no individuo.

De tal maneira foi creado o homem, que é resultante de sua mesma natureza a sociedade, logo—o culto externo deve existir na collectividade. E, como para se manter o culto externo social precisa de sacerdotes e templos, justificada temos a sua existencia.

Assim, em vista do que levamos exposto, julgamo-nos auctorizados a perguntar:—Se a razão e só a razão nos leva a estas conclusões, que justiça assiste aos chamados racionalistas e livre-pensadores para ridicularisarem a nós que procedemos em harmonia com ellas?

E' que elles dizendo-se *escravos da razão*, se a tanto os forcarem, não o são *in reipsa*; então, o que são?

Nem elles o sabem; e nós envidemos todos os esforços para precaver os incautos, que infelizmente abundam, a fim de que se não deslumbrem com lantejoulas e europeis.

D. N.

SECÇÃO HISTORICA

Documentos para a historia da egreja em Portugal

Padre Antonio Pereira de Figueiredo

ão nos responsabilizamos pela verdade historica do que vae ler-se. São apontamentos tirados d'um velho manuscrito inedito.

Falta-nos o tempo para verificar o que n'elle se diz; mas, receando o extraviar, aqui o archivamos, offerecendo-o ás investigações dos eruditos.

Lisboa. Agosto de 1887.

Mgr. Alfredo Elviro dos Santos.

O Padre Antonio Pereira de Figueiredo nasceu na villa de Mação aos 14 de Fevereiro de 1725. Seus paes foram Antonio Pereira e Maria de Figueiredo.

Em 1736 entrou no Collegio Ducal de Villa Viçosa, onde aprendeu a grammatica e latinidades, tendo por mestres os jesuitas; e da arte de musica o Padre Innocencio de Sousa Mealha.

Passado um anno entrou no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra pela prenda de menino e organista. Sabendo porem que pelos estatutos da Congregação dos Conegos Regrantes lhe era difficiloso seguir a carreira litteraria, findos seis mezes de noviciado, largou a murça e em 1744 entrou na Congregação do Oratorio.

As sciencias o perderam aos 14 de Agosto de 1797, contando de idade 72 annos.

No *Dictionnaire Historique, Critique et Bibliographique*, impresso em Paris em 1822 no tomo 10 faz-se do nosso sabio a mais honrosa memoria.

Nos ultimos dias da sua vida o R.º P. Fr. Francisco de S. José, Religioso Trinitario, procurou persuadil-o a retractar-se das suas doutrinas theologicas. Antonio Ribeiro dos Santos fez o seguinte

Soneto

Nesses fataes momentos, em que a morte
Traz deante de si remorso e susto
Assalta o fanatismo o vnrão justo,
E o temor de futura infolia sorte.

Brada, que arrependido, o espirito forte
Retrahe os dogmas seus, a todo o custo
E que esses livros, que escreveu injusto
Condemne á maldição e mortal corte.

Não cede o Gram-Pereira, á voz horrenda,
Não temo, disse firme, ob! mostro horrendo!
Que me venças n'esta hora tremenda:

Ensinei a verdade, e o dogma puro,
Nada escrevi de que a Sancta Fé s'offenda
Por esta alma, que sobe aos ceos, o juro.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa recusou-se fazer-lhe o elogio funebre que costuma fazer aos seus socios fallecidos. O mesmo Antonio Ribeiro dos Santos fez o seguinte

Soneto

Sem honroso epitaphio, jaz Pereira.
Confundida, com a terra, a cinza fria,
Q'um vaso de alabastro só devia
Em mausoleo guardar, sagrada, e inteira.

Até lhe nega a honra derradeira,
Do publico elogio, que merecia,
A Patria, que seus louvores recolhia,
A elle, ingrata, a outros lisongeira.

Oppõe-se a este officio pio, e terno,
Inveja, e fanatismo furibando,
Horridos filhos do feroz Averno

Porem, que monta, se por todo o mundo,
Soando vae, com um respeito e terno,
Seu alto nome, e seu saber profundo.

SECÇÃO CRITICA

As Ordens religiosas em Portugal

I

As Irmãs de Santa Thereza

PORTUGAL foi sempre em todos os tempos um reino piedosamente catholico, o que prova os muitos institutos religiosos, que de todas as Ordens se formaram e sustentaram aqui emquanto o sopro pestifero da Revolução, e a rapacidade dos inimigos da Cruz os não lançaram por terra, abafando, com o estrondo que esses colossos fizeram ao cair no pó das ruinas os justos clamores de um povo indignado, e os protestos da Igreja contra a mais atroz das expoliações a que esta nação nobilissima fôra sujeita em nome da liberdade oppressora.

Vae passado meio seculo, depois que a fatal medida fôra posta em pratica, e ha meio seculo tambem que os mosteiros de religiosas tem cahido uns apoz outros, podendo dizer-se que hoje, d'esses caridosos asylos, que a fé e a piedade de nossos maiores erguera, já nada resta!

Felizmente, e como as obras de Deus não podem acabar, porque aos homens não é dado pôr termo ao que o Creador imprimiu o cunho da immortalidade, ainda mal cahidos todos os conventos de religiosas, outros se levantam vigorosos como a mocidade, bellos como tudo que é animado pelo sopro divino, esperançosos como tudo que vem do Christo, abrir as portas do Céu a todos os extraviados e que queiram banhar-se n'esse mar de consolações, que só a Religião sabe dar.

Hoje occupamo-nos das Filhas de Santa Thereza, d'essa pleiade de santas mulheres, d'esse exercito aguerrido da fé, creado pela santa doutora, por essa formosa filha da Hespanha, que pôde, com a sua virtude, com a austeridade de sua vida, com o fervor de suas preces, formar uma barreira, e barreira fortissima á onda devastadora da heresia e da descrença, que então tentava levar em sua louca correria envolta a humanidade inteira.

Santa Thereza de Jesus, a religiosa amada de Jesus, e que, sendo hespanhola, não tinha patria, porque a patria das religiosas é o mundo inteiro. porque em todo o mundo ha irmãos de que cuidar, ha miserias a que attender, ha feridas que cicatrizar, e é por isso que ella, a formosissima flor do christianismo, tendo noticia, por inspi-

ração divina, do desastre que Portugal soffrera em Alcacer-Kivir, bradara banhada em lagrimas:

«Ai meu Deos, como permittistes aos nossos tal perda, aos inimigos tal victoria?»

Aos nossos! E' que a santa, assim como todos os bons catholicos, não via no exercito que se finara nos areas africanos, um exercito portuguez, via, sim, um exercito de filhos da Santa Igreja.

Foi por isso que a Santa se dispoz. apoz a fatal batalha, fundar em nosso reino algumas casas de religiosas therezianas, abrindo-se a primeira em Lisboa a 19 de janeiro de 1585, que foi feliz inicio, pois logo depois se abriram outras casas, em que entraram senhoras das mais nobres familias do reino, que as dotavam principescamente, pelo que as filhas da Santa Doutora, viviam em meio da sua austera regra, mas com o bastante para a vida.

Quando foram extinctas as Ordens religiosas em Portugal havia 10 conventos de religiosas carmelitas com um rendimento, segundo o mappa da Commissão Interina da Junta de Credito Publico de 10 de fevereiro de 1835, de 35:229\$707 réis annuaes. Ora se attendermos a que este rendimento representava um capital de mais de MIL CONTOS DE RÉIS! temos a Ordem carmelitana em Portugal, só a do sexo feminino, com a pequena colher de hervas de MIL CONTOS DE RÉIS!

Tudo isso, todo esse rendimento, as ricas alfaias, preciosidades historicas, sumiu-se na voragem, e hoje as casas de carmelitas que se levantaram em Portugal, pedem esmolas para satisfazerem ás mais urgentes necessidades da vida.

Está n'este caso o já importante Collegio do Senhor da Fraga, na Beira Alta, bispado de Vizeu, onde se acolhem vinte Irmãs de Santa Thereza, ostentando o habito da santa fundadora e vivendo a vida que levava na terra a sua veneranda mãe.

Os fructos que os povos da Beira Alta gostam, colhidos d'essa arvore frondente que tanto bem virá a fazer a todo o reino, quando copar por todo elle, são já bem conhecidos, e tão conhecidos, tão apreciados pelos venerandos Principes da Igreja Lusitana, que já tem Provisões de approvação dos Em.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs. Arcebispo de Braga, Cardeal-Bispo do Porto e Bispos de Vizeu e Lamego.

Destina-se á educação de creanças, e tanto as recebe tendo com que pagar as despezas, como não tendo cousa alguma, mais que a alma, que as boas Irmãs educam para Deus, e um coração que ellas sabem accomodar a todos os estados da vida. Occupam-se já de umas cincoenta meninas, que recebem com a

instrução religiosa, toda a instrução de que carece uma menina da mais alta estirpe, ou da mais humilde condição.

Dirigido este estabelecimento de educação por uma senhora de altas virtudes e saber, tem já seus credits formados; mas, como a caridade é o seu fim principal, faltam-lhe os recursos e não raro se veem por terras de Portugal duas pobres mulheres esmolando o pão de cada dia para sustento de uma casa, que pertence a uma Ordem que possuia mil contos de réis n'estes reinos! Não deveria o Estado subsidiar esta casa? Não deveria no orçamento nacional existir uma verba para costear as mais urgentes necessidades do Collegio da Fraga, visto que se dedica á educação, e visto que tanto de educação se falla?

E era uma reparação a que não se esquivaria o governo, porque com ella impulsionava uma das obras mais civilisadoras, mais em harmonia com as aspirações d'este seculo.

Lembre-se alguém de implorar do governo um pouco da mesa orçamental, que muito bem fará á Religião e á civilisação.

Consta-nos que as boas Irmãs tentam estabelecer outros collegios em varias terras do paiz. Deus as ajude e faça que seus santos intentos se realizem.

Occupar-nos-hemos d'outras Ordens, mas não deixaremos de informar os leitores do que diga respeito ás virtuosas Irmãs de Santa Thereza em Portugal.

E como ha entre os nossos amigos e leitores, quem possa, sem sacrificio, proteger uma obra tanto do agrado de Deus, concluimos por pedir qualquer quantia, por pequena que seja, a qual faremos chegar ás mãos da Directora da casa, ajudando-a assim a levar com mais facilidade a Cruz, que se propoz carregar nos fracos hombros de mulher, a quem só pôde dar forças a fé e o amor em Jesus.

Um amigo das Ordens Religiosas.

Um novo Abbade

... erant sicut oves non habentes pastorem.

S. MARC. 6, 34.

RAIOU emfim uma nova aurora de prosperidade espiritual para a parochia de S. Thiago de Bougado. A collação do presbytero Antonio Joaquim da Costa Cruz é uma garantia segura da reorganisação moral d'este povo.

Tendo por berço o humilde torrão bougadense, o joven Abbade, ama a

sua patria do fundo d'alma: testemunha-o a dedicação aos trabalhos do seu sublime ministerio, a que se entregou com assiduidade, apenas deixados os bancos do Seminario do Porto, onde a par da solida instrucção, recebeu uma esmeradissima educação religiosa.

Estes predicados, reunidos à nobreza de seu character e outras qualidades de cuja numeração me abstenho para não offender a sua modestia, foram por sem duvida a causa motora que levou o nosso Em.^{mo} Prelado a escolhel-o e a conferir-lhe a collação na igreja de Bougado.

Na serie dos antecessores do novo abbade, destaca-se o vulto magestoso d'um membro de sua familia, o Abbade Manuel da Cruz Maia, varão incansavel e amante das prosperidades da sua terra, cujas virtudes, de todos ainda bem conhecidas, não deixarão por certo de reflectir-se no seu successor e parente.

Permitta Deus que o povo de Bougado se deixe guiar para o futuro pelo seu novo pastor, pois somente seguindo os seus ensinamentos poderá acabar d'uma vez para sempre com as facções em que, contrista-me dizel-o, se vê actualmente dividido. Ditoso o momento em que todos os filhos de Bougado se estreitarem n'um fraternal amplexo! Feliz o dia em que o povo de minha cara patria se lançar confiado nos braços de seu pastor, como a creança se precepita no regaço de sua carinhosa mãe!... E digo feliz, porque só então terá alcançado a paz, que é indubitavelmente a primeira felicidade d'um povo.

Bougado precisava d'um centro para onde convergissem todas as suas vistas, e em torno do qual se movessem todos os elementos de sua actividade. Esse centro ordenador deparou-lh'o agora a Providencia: é o novo Abbade, o R.^{mo} P.^o Antonio Joaquim da Costa Cruz.

Congratulo-me e aos meus irmãos na patria dou os sinceros parabens por terem, como eu, a felicidade de possuir um pastor que mui de perto nos conhece e que por isso mesmo melhor saberá guiar-nos pela vereda do bem.

Por ultimo, cumpre-me agradecer penhoradissimo, em meu nome e no de meus conterraneos reconhecidos, a graça que S. Em.^a o Snr. Cardeal D. Americo acaba de fazer-nos.

Ao novel Abbade os meus cordeas parabens pela honra de que foi investido e a expressão sincera da estima e amizade que respeitosa e lhe consagra.

S. M.

Amor do trabalho

Um dos maiores e mais importantes beneficios, que se pode fazer aos homens, e em especial á classe popular, é inspirar-lhe o amor do trabalho; mostrar-lhe a sua utilidade, as suas inapreciaveis vantagens, os seus felizes resultados; fazer entrar este assumpto, como parte essencial, no plano da instrucção das primeiras escolas.

O trabalho é o destino commum de todos os homens, que existe sobre a terra; *comeris o pão (disse Deus ao nosso primeiro pae) comeris o pão d'custa do suor do teu rosto*. Quem trabalha cumpre com o seu destino; obedece á voz do seu creador.

O trabalho é a verdadeira pedra philosophal, que os antigos com tanto empenho e tanto em vão, pretenderam indagar. A pedra philosophal consiste em converter os metaes em ouro. O homem tem em si mesmo a arte de crear o ouro: basta-lhe pôr em movimento os seus braços e as suas mãos.

O trabalho não deslustra, antes enobrece e exalta a dignidade do homem. Pelo trabalho consegue o homem subjugar a natureza, e fazer-se senhor d'ella; conquista as suas riquezas e o seu poder; transforma de mil modos os seus productos e os multiplica; governa emfim a seu arbitrio, e faz secundar as forças, que ella tem dispersas, e talvez ociosas, pelo ar, pelas aguas, no seio da terra e pelo mais recondito dos elementos.

O trabalho fixa, e ao mesmo tempo entretem a inquieta actividade do homem, regulando-a e desviando-a de perigosos extravios e excessos; captiva-lhe os sentidos, e os submete a um regimen salutar. Os exercicios do trabalho previnem ou acalmam as agitações da phantasia, dissipam os seus vãos prestigios, e extravagantes chimeras: trazem o homem ao conhecimento do util.

O trabalho é uma escola de sobriedade, de temperança, de virtude, e livra o homem dos funestos perigos da ociosidade; os vicios não entram de ordinario, ou não entram com facilidade, na casa do homem laborioso, que não tem tempo para os acolher, affagar e animar. O homem afeito ao trabalho não se lembra do jogo, porque não necessita de buscar meios de perder o tempo; não tem occasião de entrar em rixas e contendas com os seus visinhos; não tem necessidade de usurpar o alheio para sustentar a vida. A estatística do crime mostra que as classes laboriosas são proporcionalmente as que menos figuram no odioso e ominoso quadro das maldades humanas.

O trabalho é tambem uma escola de

resignação, porque nos ensina e lembra a nossa dependencia; corrige e castiga o nosso orgulho e vaidade; conduz-nos à consideração dos nossos deveres e da nossa commum sorte; e é um longo e continuo commentario d'aquella verdade capital, que define a vida humana como um tempo de soffrimento e como uma grande preparação para outro melhor estado.

O trabalho conserva a saude; dá força, vigor, robustez e agilidade ao corpo; entretem a tranquillidade do espirito, a paz interior, o equilibrio das paixões, o exercicio de todas as nossas faculdades.

Com o trabalho paga o homem o tributo que deve à sociedade, que o protege e defende, concilia o amor de sua familia, dos seus visinhos, dos seus concidadãos, e dá bons conselhos a seus filhos. Emfim o homem amigo do trabalho é essencialmente interessado na conservação da boa ordem publica, por que d'ella depende a posse, o gozo pacifico dos fructos da sua industria.

Convençam-se os homens d'estas verdades. Tomem os paes e os mestres a seu cuidado inspiral-as no animo dos seus filhos e discipulos. Procurem os parochos introduzil-as nos seus discursos e exortações, empregando n'isto toda a efficacia do seu zelo, toda a influencia do seu respeitavel ministerio. Mostrem ao povo quanto é agradavel a Deus, que cada um, trabalhando, cumpre com o que elle lhe ordenou: digalhe que as Santas Escripturas estão cheias de preceitos e de maximas sobre este objecto: de severas invectivas contra a preguiça e ociosidade, terribes pinturas dos funestos effectos d'estes odiosos vicios.

O povo é naturalmente religioso e christão; mas é necessario dirigir-lhe bem esta feliz propensão, e não abusar d'ella. Para isto basta expor-lhe singelamente a verdade e fazer-lh'a sentir.

A. L.

SECÇÃO LITTERARIA

A DECADENCIA

Sobe o crime dia a dia, como a vaga do parcel, que dá em rôto baixel, à mercê da ventania.

Desmaia a fé, mal fulgura, d'entre nuvens seu clarão. É o homem, á luz da razão, segue pela vida escura.

Dos affectos meigo laço elle desdenha, escarnece;

o patrio poder languece;
ha traições a cada passo

A mais loira juventude
ri da justiça e de Deus.
Pois se até nos labios seus,
é um vão nome... a virtude!

Não crê nos premios eternos,
nem nas penas do profundo.
Nos soffrimentos do mundo,
faz consistir os infernos.

Busca a origem na terra:
é seu Deus a natureza;
sem confortos á tristeza,
com a loisa a vida encerra.

E' sombra apenas a vida;
é mais um modo diverso;
uma affecção do universo,
é pó na eterna jazida!

No delirante egoismo,
aboliu a religião.
Trahiu, venceu-o a paixão!
foi cahir no pantheismo!...

E, em tão mesquinho horizonte,
diz-se livre-pensador!
É subjeita, sem pavor,
aos erros a altiva frente!...

Mas em tua face, oh Christo,
dôce, pallida, inclinada,

vejo a magoa condensada
nos horrores de tudo isto.

Commoveu-te a humana sorte,
Tu a quizeste rimir.
Não trepidaste subir
essa cruz, soffrer a morte.

E eis que o povo mais cruel,
no Calvario tripodia,
e accrescenta-te a agonia,
em cachões de immenso fel.

Senhor, eu considerando
tantos crimes, tantos... taes...
receio que dias fataes,
estejam prestes chegando!...



INTERIOR DA BASILICA DO LORETO

Dobra-te, pois, à clemencia
Deus de bondade infinita!
E' mais debil que precita,
dos homens torpe demencia.

Se a não ampáras na graça,
se a não olhas como amigo,
sem refugios no perigo,
que será da humana raça?!

Mattos Ferreira.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Frei Ceferino Gonzalez y Diaz Cardenal-Arcebispo de Toledo

Um frade! Eis mais o retrato de um frade a ornar as paginas do *Progresso Catholico*, e d'um frade que é o maior e o mais agigantado dos escriptores da Hespanha moderna.

Quem não conhece o nome de Ceferino Gonzalez, o theologo profundo, e controversita consumado, o escriptor que honra com seus escriptos as mais renomadas publicações hespanholas?

Bem conhecido é e por tanto nós dando á estampa o retrato do eminente escriptor e profundo sabio, temos satisfeito; mesmo porque o nosso intuito é só amedrontar a caça miuda com o só retrato de um frade.

II

Interior da Basilia do Loreto onde está a santa casa de Nazareth

Loreto é uma pequena cidade de Italia, na provincia d'Ancona a 3 kil. do Adriatico, com uma população de 8 mil habitantes. E' séde de bispado sendo notavel o paço episcopal. O que porém dá a esta cidade maior celebridade é a cathedral de que damos uma gravura do interior.

Existe n'esta cathedral uma estatua da Virgem que se attribue a S. Lucas. N'este mesmo templo e sob suas abobadas elegantes está a santa casa de Nazareth, transportada para ahí milagrosamente.

D'esta santa casa demos duas gravuras no 2.º n.º do 6.º anno, onde nossos leitores podem ver noticia do espantoso milagre do transporte da casa santa.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



FINOU-SE no dia 18 de agosto o Rev.º Francisco José da Silva Roza, Prior da freguezia de Cossourado, em Barcellos. Era um parcho modêlo, zelosissimo pela salvação das almas, o que lhe mereceu ter a estima de todos os povos que pastoreava.

Dos 66 annos que passou n'este valle de miserias, gastou 30 exercendo as funções parochiaes, e havia oito annos que era o presidente da Associação do Coração de Jesus, cuja devoção propagou e fez prosperar, pelo que lhe não fallarão as eternas recompensas que Deus, Senhor nosso, costuma reservar para quem na terra sabe viver exercendo a pratica de todas as virtudes.

O finado era assignante e amigo do *Progresso Catholico* e por isso com direito ás orações de todos nós. Rezem, pois, todos, por alma do Padre Francisco José da Silva Roza, e d'aqui enviaremos sentidos pezames á familia dorida.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FORAM imponentissimas as festas com que Villa do Conde recebeu o Ex.º e Rv.º Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, venerando Prelado bracarense. Destendeu todas as galas, envidou todos os esforços para dar uma prova de seu amor ao Prelado digno, ao Pae extremosissimo.

S. Ex.ª Rv.ª ministrou o Santo Christma a muitas pessoas, visitou o convento das religiosas, um dos mais notaveis da provincia, e assistiu á distribuição dos premios no Collegio de S. José, festa de que não temos detallhada noticia, mas de que nos occuparemos logo que a tenhamos.

O numero do «Progresso Catholico» correspondente a 30 de dezembro do anno corrente, será consagrado a S. Santidade o Papa Leão XIII, por motivo do Jubileu sacerdotal que todo o mundo commemora. Convidamos, pois, todos os nossos collaboradores a associarem-se ao grandioso pensamento da Redacção, enviando seus escriptos para tomarem parte na grande manifestação

do nosso franco, solemne e firmissimo amor para com o Santo Padre, e da nossa nunca desmentida adhesão á Cadeira de Pedro.

Os escriptos destinados ao dito n.º devem-nos ser enviados até fins de novembro.

Graças ao zelo apostolico do Ex.º e Rv.º Sr. Arcebispo de Larissa, futuro successor do Bispado de Lamego, fizeram-se exercicios espirituaes no Seminario lamecense, dirigidos pelo Rv.º Padre Meli, e a que assistiram 60 sacerdotes. Se Deus inspirasse todos os padres a concorrer sempre aos exercicios, que de fructos não adviriam á sociedade! Carece-se tanto d'este meio de regeneração!...

Em Campolide deviam principiar os exercicios no dia 8 do corrente, para os quaes eram convidados todos os ecclesiasticos, que lessem o aviso que publicara o *Novo Mensageiro*, e que nós não podemos publicar no passado n.º, por nos chegar tarde.

A's noticias que temos dado dos objectos destinados á exposição do Vaticano por occasião do Jubileu sacerdotal do Santo Padre, acrescentamos hoje a seguinte, que encontramos no nosso excellento collega *Commercio do Minho*, de Braga:

«No dia 15 abriu o Ex.º Sr. Arcebispo a exposição, n'um dos magnificos salões do Paço: S. Ex.ª fez um tocante discurso por essa occasião.

Tanto a entrada, e escadórios do Paço, como o salão da exposição estavam elegantemente ataviados com lindos vazos de mimosas plantas, festões etc.

Os objectos estavam expostos em vitrines.

Eis a relação das prendas:

Um *amicto* finissimo, bordado com uma perfeição inexcêdível, representando Jesus Christo a dormir na barca, e os discipulos afflictos por verem a barca em perigo de sossobrar, a clamar—*salva nos perimus*. O primoroso bordado da barca, do divino Mestre, e dos discipulos attrahia todas as vistas, e inspirava uma verdadeira admiração.

Nunca vimos trabalho tão delicado e perfeito n'aquelle genero.

Foi feito no insigne collegio das Dortheias de Villa do Conde, e offerecido pelas piedosas e illustradas directoras.

—Um oval riquissimo com um ramalhete de flores de cêra, tão bem acabadas, tão nitidamente imitadas que ninguém as distinguia facilmente de flores naturaes.

Na base tinha *Leo XIII* e no ramalhete—*Quasi flos—in diebus vernis*.

Foi tambem prenda feita no mesmo collegio de Villa do Conde, e offerecida pelas ex.ªs directoras.

Da comissão das senhoras braccarenses:

—Uma valiosa e linda casula, tecida a ouro fino, e bem assim manipulo e estola.

—Uma alva finissima, lindamente bordada no collegio da Regeneração.

Da comissão das Filhas de Maria e Coração de Jesus:

—Um riquissimo veu de calix, bordado a ouro, forrado de sarja, com esplendida renda d'ouro fino; nos angulos um calix bordado a ouro; no centro dous corações constellados, uma cruz, e todos os instrumentos da morte de Jesus Christo; tudo brillantemente bordado a ouro.

—Uma esplendorosa estola, bordada a ouro, com riquissimas pedras preciosas, rendas etc.

E' a estola de que já fallamos em outro numero, e que foi feita em casa do snr. Cruz, e bordada a ouro gratuitamente pela ex.^{ma} filha do nosso amigo snr. Mello. E' por certo a prenda de maior valor.

Da comissão ecclesiastica de Braga:

—Uma capa d'asperges, de sêda de lustrina, tecida em Braga, a ouro fino, e bem assim a respectiva estola.

E' uma prenda muito valiosa; a capa tem no centro as armas do Pontifice, bordadas a ouro.

Do Collegio Inglez, d'esta cidade:

—Uma grande e deslumbrante taça de flores artificiaes, feitas no dito collegio.

Da taça erguem-se 4 hastes de flores. Sobre o primor d'este trabalho diremos que era d'uma perfeição tal que ninguem as distinguiria de flores naturaes, se as visse avulsas e n'outro lugar. Flores mimosissimas, muito variadas, dispostas n'uma harmonia encantadora, e admiravelmente trabalhadas. E' uma das prendas mais notaveis.

Do Conservatorio das Orphãs do Menino Deus, da Tamanca:

—Um *Corporale*, um *Purificatorium*, um *Manustergium*, e uma Palla; tudo de linho finissimo, delicadamente bordado no mesmo Conservatorio, com desenhos muito elegantes, e mimosos.

De Guimarães:

—Um Pyxide de prata, offerecido pela ex.^{ma} sr.^a D. Custodia Margarida Peixoto Matos Chaves, e filhas.

—Um rico thuribulo, e uma navêta de prata lavrada, offerta das ex.^{mas} sr.^{as} Condessa de Margaride, Baroneza de Pombeiro, e D. Maria Rosa do Amaral Ferreira e sua irmã D. Maria Carolina do Amaral Ferreira.

—Um calix, e patêna, de prata, offerta da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Joaquina de Mello Cardoso.

—Um famoso galheteiro de prata delicadamente lavrado, offerecido pela ex.^{ma} sr.^a D. Maria Rosa do Amaral

Ferreira, e sua irmã D. Maria Carolina do Amaral Ferreira.

—Um grande rôlo de linho finissimo, offerecido pelos membros activos da Conferencia de S. Vicente de Paulo.

Parece-nos que todos os objectos offerecidos pelos dedicados fleis vimaranenses, são productos da industria de Guimarães, o que muito honra aquella nobre cidade.

Alem dos objectos supra vae tambem um *album* magnifico, com o nome, e obras de piedade, offerecidas a Leão XIII segundo a intenção de Sua Santidade, por varios fleis, e especialmente pelas Filhas de Maria, e Associados do Coração de Jesus.

O *album* está ricamente encadernado, com fechos, com as armas do Pontifice, e as de Braga, tudo de prata esplendidamente lavrada, formosos desenhos, acabados com toda a perfeição, na officina d'ourives dos snrs. Casimiros.

Sua Ex.^a Revd.^{ma} mandará directamente todas as prendas ao Summo Pontifice, porque quer, e com toda a justiça, que a archidiocese de Braga Primaz, tão illustre como antiga, se faça representar no jubileu do Pontifice d'uma forma que em nada desdiga das suas gloriosas tradições e da sua especial dedicação á Santa Igreja, e ao seu conspicuo Chefe.»

Agradecendo as publicações que nos teem sido offerecidas, pedimos desculpa de ainda hoje d'ellas nos não occuparmos, o que faremos, querendo Deus, no proximo n.º

O costume que temos de não dizer palavra de obras que não leiamos, obrigamos a estas demoras.

Uma ou outra vez faz Deus que a impiedade stulta seja castigada n'este mundo, e immediatamente ao acto blasphemo e insultante contra a Religião. O *Eco do Italia* dava-nos ha dias a seguinte noticia:

«Nos ultimos dias de junho passava por uma rua de Milan o conhecido *patriota* Fontebuoni com um seu amigo. Fallavam da grande festa que se preparava na Cathedral para o dia 12 de julho, e esta só lembrança irritou tanto o *patriota* que rompeu em grosseiras injurias contra o Arcebispo, os padres e até contra a Religião. Em seu entusiasmo de *patriota* garibaldino bradou, de punhos cerrados, dirigindo-se para a Cathedral:—Quando poderemos transformar em café, sala de bilhar e de baile essa casa?

O seu amigo, ainda que tambem maçãdo de Fontebuoni, e replicou-lhe, que a festa, além de religiosa, havia de ter um caracter artistico. E mais acal-

mado o maçõsete, entraram n'um café, e ás dez horas da noite Fontebuoni dirigiu-se tranquillamente para casa; mas, antes de entrar a porta cahiu, e, quando a mulher e os filhos correram a levantá-lo, ergueram um cadaver!»

Ora Nosso Senhor não está para fazer isto a todos os inimigos da Igreja, porque se não tínhamos uma mortandade por esse mundo peior do que a causada pelo cholera; mas era ás vezes tão necessario um castigo assim por cá!...

Nos casos de Fontebuoni está o Padre Patricio, que, vindo no dia 15 prégar o sermão da Virgem da Oliveira, da Padroeira da Collegiada d'esta cidade, não disse que se transformasse a Collegiada em café, sala de bilhar e de baile, o que muito lhe agradaria; mas disse que se transformasse em grande officina, e os conegos em homens de blusa. Isto disse o celebre Patricio, que ainda tem em Guimarães quem lhe dê o dinheiro da Senhora da Oliveira para elle proclamar do pulpito o aniquilamento da Real Collegiada, o arrasamento d'esse monumento vetustissimo, que os seculos tem respeitado, e diante de quem as gerações se teem curvado reverentes.

Para o que serve o dinheiro da Irmandade de N. Senhora da Oliveira! No que se transformou a tribuna sagrada! A que estado de degradação tem chegado o clero em Portugal!

O prégador da festa não era o *patriota* italiano Fontebuoni, mas era o Patricio.

As Irmãs da Caridade! Sempre ellas, quando um rasgo de heroismo nos apresentam os jornaes!

Um jornal italiano a *Provincia de Brescia*, narra um facto que só por si basta a eternisar a memoria d'essas mulheres humildes, que passam na terra praticando o bem, á custa mesmo da propria vida.

Em maio ultimo dois pequenitos e uma menina de seis annos, andando descuidados em Villanova-sul-Chiese, foram atacadas por um cão hidrophobo. O animal fez dispersar as creancinhas, atacando-as por sua vez. Um dos pequenitos, Righetti, foi immediatamente transportado para a fabrica de Varisco, tendo sido mordido na face, e recebeu os primeiros curativos ministrados por algumas religiosas agregadas ao estabelecimento. A ferida era profundissima, asquerosa; mas, apezar d'isso, uma das Irmãs, a Superiora, com o valor e abnegação que a fé e o amor do proximo inspiram, toma a creancinha nos braços, colla os labios á ferida, chupa o sangue envenenado, e salva assim a vida do pobre pequeno, com risco da sua propria vida!

Eia, raivosos inimigos das Irmãs da Caridade! Um facto, apresentae um facto só, que prove que sois capazes de praticar o que essa heroína praticou!

Anda em visita aos conventos dominicos de Hespanha, o Geral da mesma Ordem Padre Larroca, de quem demos o retrato n'um dos passados numeros.

Em Hespanha ainda ha conventos que visitar: em Portugal ha o Padre Patrio a proclamar do alto do pulpito o aniquilamento dos restos que ainda se conservam da grandeza da Patria.

Não assim em Inglaterra, onde as Ordens religiosas se levantam prodigiosamente, e onde o protestantismo morre a olhos vistos, como diz o nosso povo. Uma Revista que temos presente diz-nos que entre os convertidos do protestantismo ao catholicismo se contam: 7 membros do conselho privado; 33 membros da camara alta, ou dos Lords; 82 ditos da camara baixa; pertencentes á alta nobreza 1031 individuos; 142 membros do exercito, sendo um capitão e 6 officiaes, e da marinha 20 officiaes superiores, sendo 7 almirantes; 12 empregados do ministerio da guerra; 72 empregados dos tribunaes; 48 medicos; e finalmente 337 pastores protestantes.

Já é uma lista bonita, e isto só das conversões ultimamente realisadas.

Recebemos uma carta, escripta da camara dos deputados e firmada por um

deputado da nação, em que se nos diz que nós faltamos á verdade, dizendo que só um padre volara a favor do aditamento do snr. D. José de Saldanha.

Não temos tempo nem vagar de consultar o *Diario das Camaras*, e nem o *deputado da nação* se deveria dirigir a nós desde que nós declaramos que transcreviamos a noticia do nosso respeitavel collega a *Nação*, de Lisboa, que com certeza não affirmava uma mentira. E enquanto aquelle nosso collega não desmentir a noticia dada, nós conservamo-nos no mesmo ponto. O que estimamos é que o *Progresso Catholico* seja lido na camara dos deputados.

O Collegio Inglez do Sagrado Coração de Maria, estabelecido em Braga, e dirigido por senhoras distinctissimas por seu saber e virtudes, alcançou um grande triumpho nos exames a que ultimamente submetteu as meninas que educa.

Em portuguez entraram 8 meninas a exame e foram approvadas, sendo 4 distinctas; em francez 3, sendo 2 distinctas; em inglez 1 distincta; em exames de admissão entraram e foram approvadas 10; exames elementares entraram e foram approvadas 10.

Damos os parabens á virtuosa directora d'esta casa de educação e fazemos votos porque de anno para anno augmentem os creditos, de que goza com tanta justiça.

E porque fallamos de exames, e de

exames feitos por meninas educadas por senhoras religiosas, não nos esqueceremos de mencionar os que fizeram as alumnas da escola de S. Francisco d'esta cidade, dirigida por Irmãs Hospitalarias.

Entraram á a exame de instrucção primaria elementar, e ficaram approvadas e assim classificadas:

A menina Cassilda de Jesus Gomes, com 7 valores.

A menina Branca Maria da Silva Pedroza, com 7 valores.

A menina Maria de Oliveira Couto, com 7 valores.

A menina Porcia Emilia da Silva Pedroza, com 5 valores.

Vê-se que todas fizeram exame bom, pelo que damos ás pequenas escolares mil parabens, não deixando de os dar tambem ás virtuosas filhas do Patriarcha d'Assis pelo bom resultado obtido dos seus incansaveis trabalhos.

De novo pedimos aos nossos assignnantes, a quem mandamos circulares, o favor de mandarem satisfazer seus debitos, e o mesmo pedido fazemos aos que as não receberam, por deverem só o anno corrente, para que mandem satisfazer a importancia do dito anno, e juntamente, podendo ser, a do seguinte.

J. de Freitas.

O MEZ D'OUTUBRO

CONSAGRADO A

NOSSA SENHORA DO ROSARIO

Traduzido do italiano sobre a versão franceza do Conego Hallez

PELO PRESBYTERO

MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS PEIXOTO

Examinador pro-synodal do Bispado d'Angra, Pregador regio, Vigario da Parochial da Villa de S. Sebastião, na Ilha Terceira, etc., etc.

PARA USO DOS SEUS PAROCHIANOS

Este livrinho em tudo apropriado para por elle se fazerem os santos exercicios do mez de outubro, conforme as determinações e recommendações de Sua Santidade tem as approvações seguintes:

DO EM.^{mo} SNR. CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA:—Com 100 dias de Indulgencias a todo o fiel do Patriarchado, que o ler, e o distribuir pelo povo, affm de afervorar a devoção á Santissima Virgem sob a invocação do Rozario.

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. ARCEBISPO PRIMAZ, DE BRAGA:—Recommendando como muito proveitosa a sua leitura e meditação, e concedendo a todos os fieis do Arcebispado que o lerem ou meditarem alguma parte d'elle, e por cada vez que o fizerem, quarenta dias de Indulgencias.

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO D'ANGRA:—Louvando como Bispo estas publicações e recommendando-as a todos os fieis como muito uteis para a edificação e santificação das almas, desejando que todos d'ellas se aproveitem.

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO DO FUNCHAL:—... o livro citado será um excellente directorio a seguir, o qual não só recommendamos, mas indulgenciamos segundo nossas facultades.

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO DE NILOPOLIS:—... e concedemos quarenta dias de indulgencias a todas as pessoas que durante o mez de outubro rezarem por elle o Santo Rozario.

DO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. BISPO DE LAMEGO:—... approvamos a doutrina, leitura, uso e exercicio do mencionado livrinho, cuja aquisição muito recommendamos aos fieis da nossa Diocese para sua propria utilidade e salvação.

Um volume de 256 paginas..... 200 réis | Com encadernação de percaline..... 300 réis

Franco de porte para todo o reino

Os nossos assignnantes que tiverem pago a sua assignatura para o 10.º anno podem requisitar este precioso livrinho com o desconto de 40 p. c. ou seja 120 réis em brochura, e 200 réis encadernado.

Pedidos COM A IMPORTANCIA a Teixeira de Freitas—Guimarães.